

CASSIANO RICARDO E AS MEMÓRIAS DE PEQUENOS NADAS

CASSIANO RICARDO AND THE MEMORIES OF SMALL NOTHINGS

Sheila Dias Maciel¹
Coracy Lima²

Tanto a viagem como a leitura se desenrolam no tempo, tanto o mundo como o texto definem um espaço. A vida como uma viagem é, uma das nossas mais antigas metáforas; já que ler é uma jornada através de um livro, a imagem conecta todas as três atividades, de modo que cada uma delas – ler, viver, viajar – se alimenta das outras e ao mesmo tempo as enriquece. O leitor, assim, é tanto aquele que viaja pelo mundo como aquele que viaja pela vida.

Alberto Manguel

1 Professora titular da graduação em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Rondonópolis. Pós-doutora na área de Literatura e Memória Cultural pela UFRN, em 2015. E-mail: shdmaciel@gmail.com

2 Coracy Lima, jornalista aposentada, trabalhou na assessoria de imprensa no interior do estado, na TV Rondon, jornal A Tribuna em Rondonópolis e na Folha do Estado. E-mail:

*O pássaro fugiu, ficaram-me as penas
da sua asa, nas mãos encantadas.
Mas, que é a vida, afinal? Um vôo, apenas.
Uma lembrança e outros pequenos nada.
[...]*

Cassiano Ricardo

Resumo: Reflexão sobre a obra *Viagem no tempo e no espaço* (1970), de Cassiano Ricardo (1895-1974), com o intuito de verificar, em sua urdidura, tanto as marcas próprias do gênero memórias, quanto o seu lugar dentre a tradição memorialista brasileira. Utiliza-se, para tanto, o aparato teórico de Maciel (2019), Manguel (2017) e Sibília (2008). Ao fixar o passado como uma jornada própria impregnada de minúcias históricas, Cassiano Ricardo promove um pouso seguro no verificável, ainda que singularizado pela metáfora da viagem e por subverter as linhas temporais dos acontecimentos apresentados.

Palavras-Chave: Memórias. Viagem. Cassiano Ricardo. Singularidade.

Abstract: This is a reflection on the work *Journey in Time and Space* (1970), by Cassiano Ricardo (1895-1974), with the aim of examining, in its fabric, both the distinctive characteristics of the memoir genre and its place within the Brazilian memorialist tradition. To this end, the theoretical framework of Maciel (2019), Manguel (2017), and Sibília (2008) is utilized. By establishing the past as a journey steeped in historical minutiae, Cassiano Ricardo provides a secure landing in the verifiable, albeit singularized by the metaphor of travel and by subverting the timelines of the events presented.

KEYWORDS: Memoir; Journey; Cassiano Ricardo; Singularity.

Antes da Viagem

A escrita de memórias permaneceu por muito tempo à margem das consideradas altas literaturas³ porque a crítica parecia compreendê-la como uma espécie de depoimento direto da vida, destituído de arte. Sobre isso, a afirmação de Alfredo Bosi nas *Reflexões sobre a arte* (1986, p. 70) pode servir como destaque: “Na arte parece não haver espaço para a representação direta das forças sociais ou para a expressão imediata das forças psíquicas”. Antonio Candido (1987, p. 60), ao discorrer sobre a marginalidade das memórias, traz à tona a ideia de: “[...] que as pessoas ainda não se habituaram a aceitar a sua eminência ou admitir que um livro de memórias possa ter a altura das grandes obras literárias”.

Nas últimas décadas, contudo, as obras ditas confessionais passaram a receber mais atenção e mais estudo, sobretudo por revelarem uma noção de testemunho tão cara ao mundo contemporâneo. Segundo Paula Sibilia, hoje estamos vivendo num tempo que pode ser descrito como a era do espetáculo. Depois da obsessão pela memória que impulsionou o século XX, entra em cena um momento em que a moda é se expor, ou melhor, produzir modos de confissão orientados “aos olhares dos outros como se estes constituíssem a audiência de um espetáculo” (Sibilia, 2008, p.258). O “show do eu” aparece disseminado na mídia em geral, nos ambientes mediados pelo computador e no excesso de depoimentos, relatos e testemunhos que rondam, hoje, o universo literário. Se vivemos numa era do espetáculo, pode-se afirmar que seu fortalecimento está relacionado à anterior valorização

³ Expressão utilizada com sentido análogo ao sentido utilizado por Leyla Perrone-Moisés na obra **Altas Literaturas**. (cf. biblio).

da memória e aos grandes acontecimentos históricos e políticos que marcaram a cena de um passado próximo: guerras; governos totalitários; invasões; genocídios; barbáries.

Nestes termos, ao lado da moda do “eu” e de seu apelo como vitrine, uma outra vertente parece compartilhar a cena desse mundo contemporâneo, mas de uma perspectiva menos glamourosa, já que o testemunho traz consigo menos uma visão positiva do futuro que um obscurecimento do horizonte e tem como tema, em geral, a descrição elaborada ou crua de desgraças, catástrofes ou extermínios. Se, *a priori*, pensávamos em testemunho como uma declaração ou relato de alguém que participara de uma ação, hoje, o sentido de testemunhar está mais próximo do relato de um indivíduo sobre uma tragédia ou catástrofe que presenciara.

O problema é que essa nova perspectiva crítica parece se voltar unicamente sobre obras escritas segundo o desconforto próprio do nosso tempo e do saber-se minoria. As memórias escritas sob uma perspectiva diversa, aptas para expor menos um trauma que uma visão de mundo, continuam esquecidas, renegadas às poeiras das velhas estantes em desuso.

Este “deslugar”, ou seja, lugar que escapa do irrelevante, mas que não ocupa espaço definido na Historiografia Literária, é o cenário desta investigação. Muitas obras de memórias publicadas no Brasil vagam neste limbo e merecem ser investigadas. Dentre elas está *Viagem no Tempo e no Espaço – Memórias* (1970), de Cassiano Ricardo (1895-1974). Trata-se de uma obra publicada por um escritor que não fulgura entre os nomes do primeiro escalão da Literatura Brasileira, mas é notadamente relevante quando pensamos na poesia e prosa modernistas que produziu.

Suas memórias, contudo, permanecem sem um discurso crítico renovado que as tragam para a cena literária. A obra, inclusive, possui uma única edição, passados cinquenta e cinco anos da publicação, em 1970, pela Editora José Olympio.

O objetivo da leitura que ora se apresenta, ao trazer uma obra de memórias para a cena e investigar suas estratégias memorialistas, é menos apresentar um espetáculo da individualidade de Cassiano Ricardo que uma perspectiva sobre o narrar-se, mostrando as marcas próprias, ou singulares, da transformação da potência autobiográfica em ato de memória.

As marcas memorialistas dessa Viagem

Queixa antiga

É uma dor que me dói muito longe...
Dor antiga, separada do corpo.

É uma dor que me dói não sei onde,
meio física, metade celeste.

Um tanto minha, outro tanto da terra.

Veja o galho cortado a uma fronde
e que ainda dá flores sentidas
e que assim à sua árvore responde.

Seu futuro parece o meu passado:
minhas longas raízes ficaram
no chão duro de onde fui arrancado.

(No chão duro onde arroios felizes
ainda cantam pelos vãos do passado)
Cassiano Ricardo

Trazendo à tona várias queixas antigas, *Viagem no Tempo e no Espaço* (1970) é um texto de memórias que faz parte de um conjunto dito genuíno dentro da tradição literária brasileira, por ser narrado por um eu⁴ que se apresenta com o mesmo nome do autor, confirmando um pacto (cf. Lejeune, 1994 e 2008) de aparente sinceridade com o leitor, que julga reconhecer, na obra, informações que podem ser comprovadas fora do texto. Ainda assim, não se procura, nesse momento, estabelecer uma identidade entre a figura do escritor e a do protagonista das memórias, nem compreender se os escritos apresentados são simulações em maior ou menor grau da realidade recriada.

Há, em *Viagem no Tempo e no Espaço* (1970), a visão do escritor sobre um Brasil de favorecimentos e esquemas, mas também de uma busca coletiva pela democracia. As lembranças recuperadas pelo narrador são menos poéticas e mais ligadas a embates políticos, a defesa de ideais, a perdas e ganhos de cargos públicos. São páginas que retratam um homem com diversas identidades, vasto conhecimento, inúmeras competências, muita articulação e bastante capacidade de se adequar. A obra em si parece notadamente relevante por fornecer a leitura de um Brasil que não é exatamente a dos livros de história, mas que contém uma visão singular sobre vários momentos importantes desencadeados aqui. Cassiano Ricardo conta da sua vivência entrelaçada aos cargos de nomeação política que ocupou, construindo uma narrativa que pode ser lida como a repetição de esquemas históricos, repletos de vantagens para uns poucos e de desvantagens para muitos. Tanto nos capítulos dedicados

4 O nome próprio aparece pela primeira vez na página 18, pela voz de Samuel Guazzeli: “- Voto com o Dr. Cassiano Ricardo!” O nome também aparece numa imagem incluída na página 29, após o poema que compõe o *Monumento ao Imigrante*, em Caxias do Sul.

à política quanto naqueles devotados à literatura, o autor, acreditando contar a sua história de vida, trata sobremaneira da vida e da história que o circunda, como é próprio da escrita de memórias.

No vai-e-vem da vida de menino, estudante, advogado, poeta, jornalista, servidor público; Cassiano Ricardo sintetiza, no livro da sua vida autocontemplada, as marcas singulares da escrita memorialista. São 317 páginas divididas em treze capítulos, que, por seus títulos, já mostram o teor político da obra: “As 4 Revoluções”; “A outra Revolução, o Modernismo”; “A revolução de 30 e a de 32”; “Depois de 32”; “O Movimento dos Bandeirantes”; “O Grupo cultural “Bandeira”, em 36”; “Na Academia, embora Antiacadêmico”; “Monteiro Lobato e a Academia”; “O Estado Novo e a Manhã”; “O Getúlio que conheci”; “Permanência em Paris”; “Literatura, Forma de Realidade” e “O menino que fui”.

Com um traçado linear de acontecimentos, exceto pelo último capítulo que retoma o tema da infância, a obra se inicia com o processo de sua formação em Direito, em São Paulo e parece, desde seu princípio, atender à tradição memorialista, ao apresentar nomes (de ruas, professores, amigos, políticos) e números em várias datas que se apresentam durante a narrativa (inauguração de monumentos, publicações de obras, falecimentos, datações epistolares, duração de eventos).

Em relação ao narrado, Cassiano Ricardo não se distancia da tradição também pelo teor autopromocional que circunda a maioria dos apontamentos que apresenta, já que, enquanto gênero dotado de estatuto próprio, as memórias podem ser reconhecidas pela longa cronologia de enredo, pelo narrador autodiegético,

pela aparente sinceridade, pela capacidade de apreensão de um entorno histórico e por seu caráter autopromocional. Sobre essa última característica, o memorialista acha por bem explicar-se no prólogo, intitulado “Pequeno módulo de orientação”:

O “eu” que uso é aquele com que sou obrigado a tratar de mim mesmo em muitas passagens que, só assim, serão compreendidas. [...] Não se suponha, pois, que se trata de um auto-elogio – o transcrever aqui e ali, opiniões que me são favoráveis. Trata-se, antes, na maior parte, de uma verdadeira auto-crítica” (Ricardo, 1970, xiv).

Assim, sem querer se autopromover de modo explícito, acreditando produzir “talvez o último trabalho que escrevo” (Ricardo, 1970, xv), sob a aparente ideia de “narrativa simples de minha vida” (Ricardo, 1970, xv), tem-se acesso a essas memórias de escritor, supervisionadas pelo homem político que as tece sem nenhuma perspectiva de simplicidade, como se poderá perceber no apanhado parafrástico que se apresenta a seguir, relativo ao corpo das memórias que vão da página 3 a 317, transcrito para iluminar suas aventuras.

Alguns pequenos nada ou a vida que se apresenta

Sou um ramo seco
Onde duas palavras
Gorjeiam. Mais nada.
E sei que já não ouves
Estas vãs palavras.
Cassiano Ricardo

Cassiano Ricardo vai terminar o curso de Direito no Rio de Janeiro em 1917 e de lá segue para o Rio Grande do Sul, quando

já se anuncia o fim da segunda década do século vinte. É lá que envereda por trincheiras de luta. A tentação política o colocou em pé de guerra algumas vezes - naquelas terras gaúchas - seja em defesa dos menos favorecidos ou na oposição de poderosos que abusavam da autoridade, como no episódio registrado, em que travou disputa com o general Firmino Paim ao se posicionar contrário a lei municipal que cobrava dez-mil-réis por cabeça a cada habitante da cidade de Vacarias. Cassiano Ricardo foi elogiado e aplaudido por alguns feitos naquela comunidade, mas já não estava lá quando explodiu o movimento revolucionário de 1923. Ainda no Sul, se mantinha “interessadíssimo”, em São Paulo. Conta, no livro de memórias, que pelo jornal lia diariamente as notícias vindas do campo de luta e sentia a dor dos amigos ‘imolados’ na defesa de suas ideias” (Ricardo, 1970, p. 27). Segundo Cassiano Ricardo, Júlio de Mesquita – dono do Estadão – “dava o seu apoio de paulista e do seu respeitado jornal aos maragatos e a Assis Brasil” (Ricardo, 1970, p. 30).

Em 1953 foi homenageado com a inscrição de um trecho de seu poema “Exortação” no Monumento do Imigrante – obra de arte do escultor Antônio Caringi, em Caxias do Sul, tal como aparece fotografado na página 29 dessas memórias.

Três décadas antes, Cassiano Ricardo relata na obra de memórias que, encontrou outra revolução acesa em São Paulo, a da Semana de Arte Moderna. Enveredar pelo modernismo parece ter exigido do poeta, de dentro do neoparnasianismo, um certo despir-se do gabo. O autor confessa na inalterada linguagem técnica que os elogios excessivos o haviam intoxicado. Portanto, considerou que não seria fácil sair da atmosfera já criada em torno dele. Desesperado com a possibilidade de ter de sair do

padrão poético a que tinha se deixado escravizar, o autor relata em suas memórias, que em princípio, escarneceu da Semana de Arte Moderna: “De modo que a Semana de Arte Moderna foi, ao começo, escarnecida por mim, como coisa louca” (Ricardo, 1970, p. 33).

Depois de se contagiar pelo entusiasmo de 22, na convivência com personalidades como Oswald e Mário de Andrade, o autor enumera feitos, como o lançamento da Revista Novíssima, a fundação do grupo verde-amarelo em fase da renovação de costumes da literatura, a atuação nos grandes jornais da época. Os escritores organizados, de acordo com o autor, pretendiam promover a mudança da velha mentalidade estética por outra. Ele destaca outro ponto de contato desse e de outros grupos que é o neoindianismo com títulos como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Martin Cererê*, de sua autoria, e *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade. A proposta revelada por Cassiano Ricardo era “somar mais Brasil dentro do Brasil. Verdamarelismo contra futurismo italiano, contra dadaísmo francês, contra expressionismo alemão”.

Em suas memórias, o poeta explica que o grupo foi um movimento cultural naquela época, “em favor de uma democracia genuinamente brasileira baseada na justiça social. Ele conta que os integrantes do grupo transformaram a redação do Correio Paulistano, onde trabalhava, no quartel-general dos artistas na “Revolução sem Sangue”, apoiados pelo corpo intelectual dali. A redação do jornal conservador, acrescenta ainda, era frequentada pelo que chama de “velha guarda partidária naquele período, como Washington Luís, Júlio Prestes, Ataliba Leonel. Política e literatura, lembra o autor, “eram irmãs” (Ricardo, 1970, p.42).

A Semana de Arte Moderna, escreveu Cassiano Ricardo, “foi um grito de verdadeira libertação contra os moldes caducos anteriores a 22” (Ricardo, 1970, p. 42). Em artigo reproduzido no livro de memórias, ele fala da conquista do verso livre, a liberação do ritmo que era escravo da métrica, a recriação das palavras, a livre pesquisa de estética. Ele defende a ideia de um novo dialeto lírico e de uma nova literatura “depurada de processos e cacoetes antigos, a poesia moderna se enriqueceu de valores intrínsecos e expressivos” (Ricardo, 1970, p. 43).

Ao tratar da revolução de 30, Cassiano Ricardo deixa exposto o seu gosto por aplausos e elogios, especialmente aos manifestados publicamente. Não disfarça o olhar mais voltado para os interesses pessoais quando a revolução toma conta das ruas de São Paulo. Conta ter deixado o Palácio dos Campos Elísios atordoado com a ideia de que ia perder o cargo e o salário e comenta a alegria a seguir, com o convite para atuar no governo de 40 dias. O autor traz à tona o fato de ter se filiado a uma Ação Nacional Renovadora e ter escrito seu programa que foi considerado num artigo do jornalista Assis Chateaubriand como manifesto da revolução de 30, engavetado no Diário de São Paulo, muito antes dela acontecer.

E lembra que o governo interventor instalado preocupou-se com minúcias até irônicas, mas diferentes das que se vê atualmente. Ele conta que esse governo baixou decretos para definir regras de bondade. Um deles, resgatado no livro de memórias, determinava que todo mendigo fosse tratado com cavalheirismo e urbanidade. O documento considerava, conforme reproduz o autor:

que não bastava a robustez de que alguns pedintes de esmola parecem dotados, para assegurar-se que seu ‘aparelho cerebral’ seja são. Os mendigos, vivendo da bondade alheia, são moral e socialmente úteis, enquanto são nocivos os ricos ociosos, que vivem em pleno desregramento moral, sem nada produzirem (Ricardo, 1970, p. 49).

Cita outro decreto em que foi classificada de tirania a exploração de cadáveres de indigentes para exames anatômicos, a pretexto de interesse da ciência (Ricardo, 1970, p. 50).

Cassiano Ricardo integrou o governo que também se preocupava em garantir considerações às mulheres. O que era expressamente recomendado às autoridades. Ele avalia na obra que o Brasil inaugurou um novo ciclo de sua história política, econômica e social após 1930, em que

a mulher lutava mais abertamente pela sua emancipação, reivindicava certos direitos, competia de modo mais vivo com o homem no mercado de trabalho, começava a olhar com maior determinação para a possibilidade de ingressar nos cursos de nível superior em nossas Faculdades. (Ricardo, 1970, p. 50).

Cassiano Ricardo registra nas memórias, publicadas em 1970, ter sido solidário também com a Revolução Constitucionalista de 32. E afirma ter vivido todas as fases dessa com o máximo de intensidade, sofrimento e trabalho. Relata São Paulo em pé de guerra reivindicando a ordem constitucional e conta sobre o intento do interventor Pedro Toledo que renunciou ao mandato na noite do dia 9 de julho e foi aclamado governador de todos os paulistas no dia seguinte. E o poeta servidor permanecia

nos meandros, redigindo documentos oficiais, dialogando com o vocabulário político-administrativo, tecendo emendas, remendando falas. O autor registra o entendimento que todos ali assinalaram seus nomes na história: “Todos, em geral, e cada um como podia estávamos assinalando nossos nomes na História” (Ricardo, 1970, p. 53).

Junto com a afirmação de que viveu a revolução palmo a palmo, minuto a minuto, Cassiano Ricardo tece inúmeros elogios ao governador que foi aclamado pelo povo paulista e revela alguns momentos daquele levante por entre paredes do Palácio dos Campos Elísios que considera como lições contínuas de experiências. Faz novo destaque ao papel desempenhado pela mulher paulista, agora na odisseia da Revolução de 32. Avalia que a colaboração feminina naquela causa mereceria um estudo à parte. Conta que as mulheres atuaram principalmente nos postos de atendimento e nos de costura, confeccionando fardamento, e trabalharam até a exaustão em favor dos soldados nas trincheiras. Relatando discussões travadas nos gabinetes dos Campos Elísios, o autor revela que o principal interesse dos revolucionários era a queda do presidente Getúlio Vargas.

Enumerando falhas e erros, acrescenta que com a prolongada revolução faltaram munições para os soldados e esperança aos que dirigiam a luta. E São Paulo perdeu a luta política e militar. Foram três meses de revolução e inúmeras mortes, complementa o autor. Os paulistas entregaram até as alianças na devoção da campanha do ouro para custear a luta que deu em nada.

Presos foram enviados para o Rio de Janeiro – sede do Governo Federal naquela época. Figuras de destaque da

revolução paulista foram recolhidas na Casa de Correção, dentre essas Cassiano Ricardo que depois de alguns dias na sala da capela, conta que foi transferido para um hotel onde permaneceu preso e, ainda mais angustiado. Recorreu, pedindo para retornar à sala da capela e ter a companhia de amigos também presos. Acabou sendo enviado de volta para São Paulo com uma carta que garantiu sua reintegração ao cargo nos Campos Elísios.

Pelos relatos de Cassiano Ricardo, passada a revolução, permaneceu o instinto de luta e a ânsia por revidar, que pelas suas lembranças, seguiram para o campo eleitoral. Ele narra no contexto de memória muitas discussões e negociações em torno de disputas e nomeações para cargos públicos, que nos aproximam muito dos esquemas que sabemos ocorrerem ao longo da trajetória político-eleitoral e governamental desse país, até a atualidade. Apresenta, em pormenores, episódios de favores e favorecimentos, redação de documentos oficiais com tais objetivos. O governo interventor durou ainda, alguns anos. A Universidade de São Paulo e o Monumento dos Bandeirantes, como traz o autor, são heranças desse tempo. Cassiano Ricardo revela ter se empenhado pessoalmente para ver concluída a obra de arte que é o monumento e, exigiu a inclusão do negro que não aparecia no projeto original.

O investimento em publicações para divulgar o potencial paulista é recorrentemente citado pelo poeta-jornalista que assegura participação na maioria dos feitos e destaca os elogios recebidos. Ao que revela, o serviço de publicidade e propaganda nos governos brasileiros foi impulsionado com a criação do setor no Estado de São Paulo, em maio de 1938. Agora nos surpreendemos com a indústria de *fake news* e a transferência

dos serviços para redes sociais. Mas as estruturas permanecem, sempre vantajosamente orçamentadas e inchadas. Articulista como se apresenta, Cassiano Ricardo passou a atuar no ano seguinte, no Rio, com a missão de criar revistas do Departamento Nacional de Propaganda e dirigir o Jornal A Manhã que ensinara a leitores assíduos, o que era o Estado Novo da Era Vargas – já que mantinha laços com o governo. Esses laços da imprensa tradicional com o poder e os poderosos se tornam cada vez mais estreitos, nos tempos atuais.

O homem de governo e de letras que serviu a chefes capazes de mandar assaltar jornais a fim de calar vozes contrárias, retorna para São Paulo e anos depois vai para a Europa. Antes da missão internacional se empenha nas funções burocráticas. Na trajetória pelo serviço público e pela literatura, Cassiano Ricardo deixa escapar ter colecionado amigos e intrigas. Em diversas páginas descreve favorecimentos, homenagens e também desentendimentos. Cita farpas por desavenças relacionadas ao jornalismo, melindres nos cargos públicos. Conta que se desentendeu, certa vez, com Oswald de Andrade. Com Mário de Andrade também, no episódio de fundação do Grupo Cultural Bandeira, em 36, e por outras questões. A Bandeira, segundo o autor, era por uma democracia social genuinamente brasileira.

Cassiano Ricardo, que conta ter recebido e recusado convites para ingressar na carreira política, relata como foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, embora se classificasse antiacadêmico, e traz à tona discussões acadêmicas calorosas. Disse já estreitar em clima conflituoso, por defender Cecília Meireles para o Prêmio Olavo Bilac de 1938. Se considerava provocado e injustiçado, nesse e noutros episódios, todos narrados de forma

minuciosa. Destaca que se ocupou, na Academia, principalmente da defesa da língua brasileira que queria ver oficializada brasileira. Trabalhou pela linguística, pelo ingresso de alguns ao clube de fardão e pela eleição de outros já enfardados imortais à presidência da Casa de Machado de Assis.

Dedica um capítulo do livro às faces que afirma ter conhecido do presidente Getúlio Vargas, tecendo elogios e detalhando fatos que vivenciou no convívio com o governante. Getulista declarado, afirma ter conhecido “três Getúlios diferentes numa só pessoa” (Ricardo, 1970, p. 184). Classifica-o pela inteligência, homem encantador, escritor admirável. Getúlio, na sua avaliação, “estava no subconsciente, na vida diária, na competição diuturna, nos hábitos do homem da rua” (Ricardo, 1970, p. 188). O suicídio, para o autor, foi um gesto shakespeariano: “Coube-lhe, depois, o gesto shakespeariano de renunciar à vida em circunstâncias tão dramáticas” (Ricardo, 1970, p. 193).

O Cassiano Ricardo de memórias atreladas à colaboração na criação e organização da estrutura político-administrativa de São Paulo e do Brasil, escreve outro capítulo sobre a experiência de chefiar o escritório comercial do Brasil em Paris. Teria sido nomeado por decisão do presidente Getúlio, após a tentativa de empenhar a mão de obra das pessoas em situação de rua nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, no projeto “O trabalho como dever social” dedicado à “Marcha para Oeste”, no tempo do bandeirismo. A ideia era que abrindo estradas de uma ponta a outra do país, vadios e desocupados fariam parte do desenvolvimento. Relata que a tese fora aprovada por unanimidade no Conselho do Comércio Exterior e foi nomeado para a missão na Europa. A exemplo das demais nomeações no

governo do Estado de São Paulo e do Brasil, o poeta garantiria emprego pelo menos para um amigo escritor na cidade das luzes. Conta que a Paris fora Lêdo Ivo, para secretariá-lo.

Descreve a jornada francesa como um tempo de muito trabalho e pouca diversão. Tratava do comércio o dia todo e de noite escrevia. A missão era apresentar e vender os produtos brasileiros para o mercado daquele país. Destaca que vendeu pinho e laranja com exclusividade, além de ter garantido a participação do Brasil na feira de Paris com o interesse de atrair técnicas e capital francês para impulsionar a indústria brasileira. Cassiano Ricardo descreve também o fato do jornalista Novais Teixeira, que escrevia para o Estadão e o Globo, ter criticado seu trabalho no estande brasileiro. Ele conta que exigiu direito de resposta aos jornais.

Enquanto permaneceu na França, relata o autor, era pelos jornais brasileiros que sabia de notícias tristes, como as mortes de Oswald de Andrade e a de Getúlio Vargas. Conta que após a morte de presidente pediu exoneração e Paris passou a ser um distante episódio para ele.

Terminado o relatório das façanhas de homem público, ganha vida a face do homem com poesia na alma e capacidade métrica. Fala das suas preferências, das suas superstições, dos seus rituais de escritor e do encontro com o medo da morte ao entrar para a Academia Brasileira de Letras. Nesse resgate, Cassiano Ricardo considera ainda os graves compromissos do escritor no papel social e humano da arte e, define o jornalismo como um remédio, em arte literária. A referência é aos escritores que naquela época - em 1955 - acreditavam ainda sofrerem de parnasianismo. Acrescenta ter descoberto o gosto pela poesia

aos dez anos. A publicação do primeiro livro foi nos tempos de estudante em São Paulo.

À procura do seu chão e das suas raízes, Cassiano Ricardo envereda pelas memórias atreladas ao lugar onde viveu a infância e primeira fase da juventude em busca de emoções, sentimentos, pessoas, descobertas, aprendizados. Nessa etapa também faz um vai-e-vem no tempo e no espaço e detém-se em relatos minuciosos de alguns fatos; reprodução de cartas; destaque de elogios que atestam o reconhecimento do seu valor poético. Entrelaçou suas memórias nas páginas do livro sempre com a meta de apresentar conceitos em que acreditava e expor as suas ideias sobre política e literatura, por entender que não se compreende a arte dissociada do seu destino social e humano.

Intelectual incansável no projeto de estimular as artes, Cassiano Ricardo retoma ainda o relato das suas participações em criação de entidades para agregar escritores, definir políticas, aprimorar a literatura, normatizar a língua brasileira. Conta que em 1948 participou da fundação do Clube da Poesia em São Paulo e foi eleito presidente. Aí disse ter criado o curso de poética e lançado a coleção Novíssimos. Outras edições do curso e diversas publicações são citadas no livro de memórias. As suas iniciativas, pelo que narra na obra, inspiraram o governo federal a criar o Instituto Brasileiro de Estudos Literários, em 1961. E foi escolhido para o cargo de diretor-executivo. O que deixa clara a importância de Cassiano Ricardo para a literatura brasileira, no tocante a organização de movimentos e valorização da arte literária.

A narrativa de Cassiano Ricardo mostra um homem que manteve os olhos atentos para os acontecimentos e o

desenvolvimento das artes e da comunicação. Fatos que, na sua opinião, marcaram a mudança do homem e dos seus valores na sua época. Esse homem confessa no próprio livro de memórias ter sido de “temperamento combativo”. Revela sem pudor, nessa narrativa, rastro desse temperamento em todos os setores onde atuou: no governo do Estado de São Paulo e da União, na Academia Paulista e Brasileira de Letras, em jornais e revistas. Mas o talento e a capacidade pareciam lhe dar argumento para vencer sempre a cada confronto de ideias. Conta todos os desfechos e traz uma relação dos muitos prêmios recebidos ao longo da vida, sob os aplausos de admiradores e amigos que foram atores em muitos desses episódios.

Em suas memórias, Cassiano Ricardo reserva um espaço especial também para os críticos que se dedicaram a avaliar o seu trabalho de poeta. Aponta alguns livros que têm como conteúdo o estudo crítico das suas obras de antes, durante e depois do modernismo. Nessa narrativa minuciosa de tudo que fez e viveu, acrescenta ter ganhado espaço também no teatro, com seu poema Jeremias Sem-Chorar – o mais estudado. Descreve fatos marcantes, como a chegada do homem à lua e a visita que fez à Academia Militar de Agulhas Negras, em 69. Traduzido em diversos países, o poeta Cassiano Ricardo entrelaça nos fatos históricos a constante preocupação em desvendar os segredos dos versos, estimular e acompanhar a produção de outros escritores. Ocupou-se do modernismo e da vanguarda.

Reservou o menino que foi para o fechamento da história em que se retrata de corpo e alma: “Não raro sinto o menino que renasce em mim pra me contar um insólito e matinal segredo. Pra me contar o menino que fui” (Ricardo, 1970, p. 316). O menino

que permanece pela vida toda, lhe fala e lhe ouve. O autor conta do menino que viveu a infância dividido entre a fazenda dos pais, onde aprendeu a amar a terra com cheiro de chuva, e São José dos Campos, onde estudava as primeiras letras e já começava a fazer os primeiros poemas.

Na roça fazia festa de São João e na cidade um jornalzinho para publicar suas bobagens. Logo teria entendido que “queria contar aos outros o mundo da boniteza por uma forma qualquer”. Aperfeiçoou o manuscrito da primeira experiência em “O ideal” em 1904 “para dar vazão à cócega poética que trazia da roça...”. Registra em suas memórias que na adolescência criou o jornal Quatro Paus onde versava críticas e saudações a certas figuras da cidade. Ele tinha dez anos.

Cassiano Ricardo conceituou essa relação de quem foi nos tempos da infância com quem se tornou na definição de que “o menino é o pai do homem”. Sem alento, sem guarida. Essa é a memória de um intelectual com poesia na alma, de um poeta com capacidade métrica e versos livres, de um homem público de capacidade burocrática e astúcia, de um político idealista e de um jurista benevolente e determinado, de Cassiano e de Ricardo: “Esse menino pai do homem que sou, o menino que fui, vai agora emergir do lugar onde está pra contar um pouco de sua infância e adolescência. Sua estória” (Ricardo, 1970, p. 304).

O intuito de apresentar, em linhas gerais, o teor das memórias ricardianas por essa breve explanação sobre os temas tratados, busca validar a hipótese de Viagem no tempo e no espaço poder ser compreendida como memórias de linhagem tradicional, ou seja, como uma obra que segue as características próprias da escrita memorialista ao privilegiar os acontecimentos em

detrimento da aventura da linguagem, como ocorre desde o começo da jornada apresentada. Essa escolha, contudo, não desqualifica a obra como uma das memórias que forma a necessária base de confissões e escritos autobiográficos da literatura como sistema literário.

Percebe-se que o escritor, nesse esteio de produzir suas memórias pelo viés da exemplaridade da sua participação num conjunto superlativo de minúcias históricas e jogos de poder, proclama, de modo patente, seu caráter autopromocional.

A bagagem, para além da Viagem proclamada

DEPOIS DE TUDO

Mas tudo passou tão depressa.
Não consigo dormir agora.

Nunca o silêncio gritou tanto
nas ruas da minha memória.

Como agarrar líquido o tempo
que pelos vãos dos dedos flui?

Meu coração é hoje um pássaro
pousado na árvore que eu fui.

Cassiano Ricardo

Toda viagem, seja ela física ou simbólica, pode ser compreendida como uma metáfora. Albert Manguel, ao discorrer sobre a metáfora, afirma que:

A linguagem mal toca a superfície da nossa
experiência e transmite de uma pessoa a

outra, num código convencional supostamente compartilhado, notações imperfeitas e ambíguas que dependem tanto da inteligência cuidadosa daquele que fala ou escreve como da inteligência criativa daquele que ouve ou lê. Para incrementar as possibilidades de entendimento mútuo e criar um espaço mais amplo de sentido, a linguagem recorre a metáforas que são, em última instância, uma confissão do insucesso da linguagem em comunicar diretamente (Manguel, 2017, p. 9).

A metáfora da viagem, usada para criar um espaço mais amplo de sentido, pode representar tanto a busca por conhecimento, quanto a passagem do tempo e a superação de obstáculos que se apresentam no percurso, como é comum ocorrer na escrita de memórias. Elas, de um modo geral, podem ser compreendidas como ato criativo, na medida em que, como afirma Alba Olmi (2006), são uma construção humana inspirada na realidade, mas moldada numa dimensão única e notadamente criativa.

Ao usar da metáfora para intitular suas memórias, vê-se o ato criativo do escritor modernista. A criatividade, tão comum em sua dicção poética, serve também de abertura à sua produção memorialista, ainda que o teor das memórias ricardianas, como foi visto, seja em grande parte mais integrado à tradição. O título metafórico abre um diálogo interessante com outra escolha criativa em suas memórias: a medida temporal invertida pela qual opta, em que o início de sua vida ou meninez aparece como desfecho da obra.

Talvez por essa constatação possa-se intuir que a obra em análise, *Viagem no tempo e no espaço*, vá além da esfera pessoal ou profissional, na medida em que não se apresenta pela lógica

do pronome possessivo, como é comum ocorrer em obras dessa natureza⁵. Assim, ao invés de uma possível “Minha⁶ viagem no tempo e no espaço”, aceita-se que a viagem possa ser menos pessoal que coletiva, conforme o próprio autor pondera:

Muitas passagens só poderão interessar a mim mesmo; valerão como simples confissão ou depoimento; outras (quem sabe?) poderão interessar a muita gente, por serem ocorrências que acredito históricas, das quais fui testemunha participante ou ocasional (Ricardo, 1970, p. 8).

Ler as passagens “que poderão interessar a muita gente” serve tanto para ter acesso a algumas crises passadas da história recente do Brasil como para compreender que o país nunca deixou de viver momentos desafiadores. Em seus apontamentos memorialistas, ao utilizar soluções narrativas próprias, o escritor singulariza suas memórias.

Publicadas em 1970, essas memórias estão temporalmente próximas dos primeiros tomos de memórias do escritor Pedro Nava (*Baú de ossos*; *Balão cativo*; *Chão de ferro* e *Beira-mar*), de Érico Veríssimo (*Solo de Clarineta* I e II) e de Zélia Gattai (*Anarquistas*, *Graças a Deus*). Esse conjunto, publicado de 70 a 79 do século XX, tem sua importância vinculada à ampliação do quadro de escritores memorialistas em um país que ainda não era reconhecido como produtor de memórias de qualidade, como afirmou Afrânio Coutinho em *Literatura no Brasil*, compêndio publicado no mesmo ano da publicação das memórias de Cassiano

5 Tal como ocorre nas obras *Meus verdes anos* (1956), de José Lins do Rego; *Meus desacontecimentos* (2011), de Eliane Brum; *Minhas memórias dos outros* (1934), de Rodrigo Octávio; *O meu próprio Romance* (1931), de Graça Aranha; *Dias de meus dias* (2013), de José Batista de Sales ou em *Minha guerra alheia* (2010), de Marina Colasanti.

6 Grifo nosso.

Ricardo. Sobre a afirmação de Coutinho, que não reconhece uma tradição de escrita memorialista no país, assim como esta forma narrativa floresce na Inglaterra ou na França (Coutinho, 1970, p. 125), é necessário ponderar:

Em um primeiro momento é necessário aceitar como verdade essa afirmação. De fato, no Brasil, país com uma história de produção literária que praticamente se inicia em meados do século XIX, não pode haver em igual extensão uma história ou tradição de escrita de memórias como é comum, por exemplo, no continente europeu. Revolvendo ainda a afirmação de Coutinho, podemos situá-la em um momento anterior à onda de memórias que se alastrou a partir de meados do século XX e, salvo algumas modificações que ocorreram, persiste até hoje. (Maciel, 2019, p. 21)

O fato é que na tradição da escrita memorialista brasileira, *Viagem no tempo e no espaço* ocuparia um “Lado B”⁷, ou seja, é obra de um escritor de menor interesse crítico e sem uma permanência garantida no cânone. A metáfora do “lado B” trata do “deslugar”, já anteriormente citado, que as memórias de Cassiano Ricardo parecem ocupar. Apesar disso, está em Cassiano Ricardo um elogio à democracia, ainda que os inúmeros episódios por ele recriados apresentem indicações e esquemas antidemocráticos.

Nessas memórias, pouco comentadas no palco dos estudos literários, há um desdobramento da história do Brasil que não foi escrito pelos compêndios da História e que só por suas páginas pode ser lido. As verdades ou pequenos nada ali contidos são

7 O “lado A” e “lado B” são expressões que estão associadas diretamente aos discos de vinil. Mesmo que estes discos não tenham sobrevivido às mudanças tecnológicas subsequentes. Nota-se, contudo, que a expressão “lado B” ainda hoje serve para designar um produto que tenha um valor menos comercial.

menos um retrato político do escritor Cassiano Ricardo que o retrato de um Brasil, que se vê necessitado de fortalecer valores para firmar a democracia de suas engrenagens.

O texto posiciona-se entre as memórias brasileiras mais impregnadas de minúcias históricas, mas só trata de questões distantes temporalmente do momento da enunciação, quando o Brasil vivia as agruras próprias de um período ditatorial⁸. Talvez por isso, ao usar a metáfora da viagem para descrever suas memórias e subverter a sucessão linear de acontecimentos, Cassiano Ricardo tenha achado um jeito de não tratar do que não poderia: do presente.

Dessa forma, pode-se afirmar que as memórias em análise guardam um pensamento motivador e são “um veículo expressivo essencial para o conhecimento do homem” (Caballé, 1991, p. 14) e do mundo que a ele se compagina. Em *Viagem no Tempo e no Espaço* (1970), a relação dinâmica entre o espaço ou mundo real e o sujeito narrador, que em meio à narrativa da própria existência, acaba por narrar singularmente o mundo em que viveu, contém a face de uma memória coletiva, com as imagens modelares de uma possível identidade nacional construída e reconstruída pelos embates entre o escritor, seu entorno histórico, suas lacunas e escolhas de linguagem.

Refletir sobre essas memórias, portanto, é trazer à tona “uma síntese do que não pode ser esquecido e que parece latente no sumo das recordações apresentadas: uma memória do Brasil” (Maciel, 2019, p. 19). A bagagem, portanto, para além da viagem

8 Durante a década de 70, o Brasil esteve sob o regime de uma ditadura cívico-militar (1964-1985), marcado pela forte repressão e controle da sociedade. A censura foi aplicada em todas as formas de comunicação e impôs um rigoroso controle sobre os meios de comunicação e qualquer expressão de oposição. A censura afetava livros, jornais e a imprensa em geral, com o intuito de proibir e apreender conteúdos considerados contrários aos valores do governo. O início da década de 70, especialmente o período do governo Médici (1969-1974), é conhecido como os “Anos de Chumbo” devido ao endurecimento da repressão e aos assassinatos e torturas de opositores políticos.

proclamada, inclui a necessidade do leitor perceber, também em sua jornada de memória, como quer Manguel, que tratar da experiência de descobrir novos mundos, depende também de saber ler informações cifradas para além do narrado.

A relação entre o excesso, compreendido pelos fatos históricos detalhados e tendendo à prolixidade que compõe a obra em si e a ausência de informações sobre o momento histórico em que foram produzidas suas memórias é significativa. Além disso, a motivação de trazer a infância para o momento de desfecho da obra é mais que apenas transgredir as linhas do tempo, e se apresenta como uma solução narrativa que atende ao momento político repressor em que Cassiano Ricardo se encontra, escreve e anuncia: “Antes de perder o pouco de memória que me foi dada pra poder recordar coisas e fatos, que o ruído do tempo teima em tornar difusos, resolvi escrever estas “memórias” sob o título de Viagem no Tempo e no Espaço” (Ricardo, 1970, p. 3).

A viagem descrita, tal como nos versos de Cassiano Ricardo que constam na epígrafe dessa seção, parece dizer que “Nunca o silêncio gritou tanto/ nas ruas da minha memória”. A viagem metafórica, portanto, se configura para além das paisagens que contém e inclui per absentia, ou de modo difuso, as limitações de um escritor diante de um Tempo e de um Espaço marcados pelo fim das liberdades democráticas, a suspensão de direitos civis e a censura – que a constituição narrativa dessas memórias faz supor.

Referências

BOSI, A. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1986.

BRUM, E. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida*

com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

CABALLÉ, A. *Narcisos de tinta*. Madrid: Megazul, 1991.

CANDIDO, A. “Poesia e ficção na autobiografia”. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987

COLASANTI, M. *Minha guerra alheia*. São Paulo: Record, 2010.

GRAÇA ARANHA. *O meu próprio romance*. São Luís: Alumar, 1996.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MACIEL, S. D. (org.). *O que não pode ser esquecido: considerações sobre a escrita de memórias no Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, 2019.

MACIEL, S. D. Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Programa de Pós-Graduação em Letras, V48. N.04, 2013.

MANGUEL, A. *O leitor como metáfora*. São Paulo: Edições SESC, 2017.

NAVA, P. *Balão cativo: memórias*, 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NAVA, P. *Baú de ossos: memórias*, 1. Rio de Janeiro: Sabiá. 1972.

NAVA, P. *Beira-mar: memórias*, 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NAVA, P. *Cera das almas: memórias*, 7. São Paulo: Ateliê, 2006.

NAVA, P. *Chão de ferro: Memórias*, 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

OLMI, A. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da Literatura Memorialista*. Santa Cruz do Sul/Porto Alegre: EDUNISC, 2006.

OCTAVIO, R. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REGO, J. L. do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/data. (Prestígio).

RICARDO, C. *Viagem no Tempo e no Espaço – Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SALES, J. B. de. *Dias de meus dias: tempos de menino*. Assis: ANEP, 2013.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VERÍSSIMO, É. *Solo de Clarineta: memórias*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1974-1976.